



**MAJ GUTTOSKI LEMOS**

Adjunto do Centro de Coordenação de Operações do Comando de Operações Especiais.

## A INTELIGÊNCIA ETNOGRÁFICA E O EMPREGO DA EXPRESSÃO MILITAR DO PODER NACIONAL

Este artigo propõe apresentar o conceito de inteligência etnográfica como um importante componente da estratégia de emprego de forças militares em todos os níveis de planejamento. Segundo Fred Renzi (2007, p.57), a inteligência etnográfica tem sua aplicabilidade na “melhor forma de verdadeiramente conhecermos uma sociedade e, por isso mesmo, o melhor instrumento para deduzirmos as intenções de seus membros”.

A doutrina militar terrestre do Exército Brasileiro (EB) incorporou, no processo de estudo de situação, a análise do terreno humano, aprimorando o conhecimento das considerações civis, como uma fase do planejamento para o emprego de forças militares. Associado a isso, observa-se, cada vez mais, que o emprego puro e simples do poder duro (*hard power*) torna o emprego da expressão militar do Poder Nacional contraproducente, evidenciando a importância da consideração do fator humano no ambiente em que se desenvolve a operação militar.

Diante do exposto, o domínio da inteligência etnográfica é fator essencial para o sucesso de uma operação militar, para garantir o controle da narrativa do conflito, e está associada aos aspectos do poder brando, proposto por Joseph Nye.

A globalização e o avanço informacional trouxeram novos paradigmas ao homem. A permeabilidade de fronteiras, a rapidez da troca de dados, o aumento da circulação de bens, de serviços e de pessoas e o maior inter-relacionamento de culturas são apenas algumas modificações intensamente vivenciadas no século XXI.

Nesse ambiente altamente influenciado pelo desenvolvimento da tecnologia das informações, partia-se da premissa que tais efeitos permitiriam a globalização cultural nos diversos rincões do mundo, entretanto, segundo Alessandro Visacro (2012), o que se observou foi justamente o oposto, percebendo-se o “fortalecimento de identidades culturais locais em detrimento da formação de uma suposta homogeneidade cultural de âmbito planetário”.

Corroborando com essa percepção, o fato de “trabalhar com pessoas de diferentes culturas é um desafio difícil, quer para os trabalhadores, quer para as organizações, devido às barreiras culturais” (ANG, DYNE e KOH apud SOUSA et al., 2015, p.233). Nesse cenário, “a cultura e a inteligência são conceitos que estão intrinsecamente interligados, já que a conceptualização, avaliação e desenvolvimento da inteligência não podem ser compreendidos fora do seu contexto cultural” (SOUSA et al., 2015, p.233).

A inteligência etnográfica é “a informação sobre as formas nativas de associação, meios locais de organização e métodos tradicionais de mobilização” (SIMONS apud RENZI, 2007, p. 57). Essa vertente do conhecimento, também denominada como inteligência cultural, tem, cada vez mais, despertado como uma importante ferramenta para superação dos óbices culturais, no Brasil e no mundo, criando um ambiente propício para a discussão acerca de sua aplicabilidade na expressão militar do Poder Nacional [1].

A aplicação da antropologia no emprego de forças armadas ganhou evidência nos Estados Unidos da América (EUA) a partir de 2006. Isso se deu devido à “participação de antropologistas em operações de contrainsurgência, também denominada de operações de pacificação, no Iraque e no Afeganistão” (PERUGINI, 2008, p.213).

Entretanto, o uso dessa ciência para fins militares não foi uma novidade naquela ocasião. Segundo Nicola Perugini, são elencados como exemplos anteriores, o uso de antropologistas em operações de espionagem na Primeira Guerra Mundial, bem como a atuação desses profissionais no Escritório de Serviços Estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, especificamente, na doutrina de emprego da Força Terrestre, o Manual de Campanha EB20-MC-10.211 Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT), considera os fatores operacionais como fundamentais para se desenvolver um entendimento completo do ambiente em que ocorrem as operações. Dentre os oito fatores, na dimensão humana está o fator social, item que descreve o ambiente cultural, religioso e étnico encontrado no teatro de operações [2]. Esse fator descreve as crenças, os valores, os costumes e os comportamentos dos membros da sociedade.

Ainda nesse manual, são ressaltados os fatores da decisão, esses que “permitem ao comandante e seu estado-maior [3] abordarem os aspectos relevantes que alteram o resultado das operações e aprimorar a consciência situacional” (BRASIL, 2020, p.3-10). Na observação desse parâmetro, o fator de decisão denominado como considerações civis está intimamente ligado a influência da cultura e das atividades da população local sobre o teatro de operações e a condução das operações sobre essas populações (BRASIL, 2020, p.3-11).

Compreende-se, portanto, a importância da inteligência etnográfica/cultural como ferramenta para a correta compreensão do ambiente de atuação de tropas, servindo como catalisador do esforço de trabalho.

O propósito deste artigo é apresentar o entendimento do conceito de inteligência etnográfica/cultural, por meio de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo, com o uso de uma revisão bibliográfica sobre o tema, concluindo sobre a importância e a aplicabilidade para a doutrina de emprego da Força Terrestre brasileira.

## INTELIGÊNCIA ETNOGRÁFICA E SUAS DIMENSÕES

Inteligência etnográfica é a informação sobre as formas nativas de associação, meios locais de organização ou métodos tradicionais de mobilização e a coleta e processamento de informações sobre laços construídos por conexões familiares, relações tribais, educação religiosa e outras formas de associação cotidiana (SIMONS e TUCKER apud CHHOEUNG, 2009, p.1).

Segundo Visacro (2012), a importância da inteligência etnográfica está associada ao correto entendimento das peculiaridades do ambiente social em que transcorre o conflito armado, apoiando o processo de tomada de decisão nos diversos níveis.

Earley e Ang (2003) apresentam o entendimento de inteligência cultural como sendo a “capacidade de adaptação eficaz em diferentes ambientes culturais” (EARLEY e ANG apud SOUSA et al., 2015, p.233).

É um conjunto de capacidades e de competências que permite interpretar comportamentos e situações que não são familiares, bem como identificar comportamentos que são universais a toda a humanidade, comportamentos que são culturais e comportamentos que são idiossincráticos a um determinado indivíduo numa situação específica (DYNE, ANG E LIVERMORE apud SOUSA et al., 2015, p.233).

“ Segundo Visacro (2012), a importância da inteligência etnográfica está associada ao correto entendimento das peculiaridades do ambiente social em que transcorre o conflito armado, apoiando o processo de tomada de decisão nos diversos níveis. ”

Segundo Cátia Sousa (2015), a inteligência cultural compreende quatro dimensões, assim definidas: a metacognitiva, a cognitiva, a motivacional e a comportamental.

➤ A dimensão metacognitiva corresponde à conscientização e sensibilização cultural durante a interação com diferentes culturas (SOUSA et al., 2015, p.233). Essa dimensão contribui para o entendimento da cultura local, por meio do pensamento crítico sobre os hábitos e as crenças.

➤ A dimensão cognitiva “refere-se ao conhecimento cultural de normas, comportamentos, práticas e convenções em diferentes culturas, obtido por meio da experiência e educação” (SOUSA et al., 2015, p.233). Essa dimensão, segundo Cátia Sousa, trata do entendimento das normas econômicas, sociais e do regramento jurídico local, assim como os valores culturais.

➤ A dimensão motivacional é “a capacidade de direcionar a atenção e a energia em relação a diferenças culturais, ou seja, é uma forma de autoeficiência e motivação intrínseca em situações interculturais” (DYNE et al. apud SOUSA et al., 2015, p.233). A aplicação da dimensão motivacional, no “constructo da inteligência cultural” (SOUSA et al., 2015, p.233), poderá auxiliar na “gestão de stress

provocada por contextos multiculturais no trabalho, dotando os indivíduos de confiança para ultrapassar obstáculos” (SOUSA et al., 2015, p.233).

➤ A dimensão comportamental “refere-se à capacidade para exprimir, verbal e não verbalmente, comportamentos apropriados quando da interação com pessoas de diferentes culturas” (DYNE et al. apud SOUSA et al., 2015, p.233-234). Essa dimensão permite ao indivíduo demonstrar, por meio de linguagens, comportamentos e atitudes, que consegue interagir socialmente com outras culturas, auxiliando na busca de empatia.

Pode-se inferir que “indivíduos que possuem uma inteligência cultural mais elevada, em situação interculturais, são mais eficientes na tomada de decisões e têm uma maior probabilidade de se adaptar às situações caracterizadas pela diversidade cultural” (SOUSA et al., 2015, p.234). Segundo Cátia Sousa, pesquisas apontam que a dimensão metacognitiva elevada está associada a melhor capacidade de atuação do indivíduo, assim como a dimensão comportamental elevada é diretamente ligada ao melhor desempenho de pessoas em locais culturalmente diversos.

Ademais, “a inteligência cultural, tornou-se uma aptidão e uma competência fundamental em um mundo social em constante mobilidade” (SOUSA et al., 2015, p.234), decorrendo assim, sua aplicabilidade para o emprego da expressão militar do Poder Nacional.

## **O PODER RELACIONAL E O *SOFT POWER* OU PODER BRANDO**

Em seus estudos, Nye distinguiu três aspectos do poder relacional, conforme a Tabela 1, quais sejam: o comando da mudança, o controle das agendas e o estabelecimento das preferências. Assim, “a capacidade para controlar pessoas para mudar seu comportamento contra suas preferências iniciais é uma dimensão importante do poder relacional, mas não a única” (NYE, 2012, p. 32).

ASPECTOS DO PODER RELACIONAL	
<b>PRIMEIRA FACE</b>	A usa ameaças ou recompensas para mudar o comportamento de B contra as preferências e estratégias iniciais deste. B sabe disso e sente o efeito do poder de A.
<b>SEGUNDA FACE</b>	A controla a agenda das ações de uma maneira que limita as escolhas de estratégias de B. B pode ou não saber disso e estar consciente do poder de A.
<b>TERCEIRA FACE</b>	A ajuda a criar e moldar as crenças, percepções e preferências básicas de B. É improvável que B tenha consciência disso ou entenda o efeito do poder de A.

Tabela 1 - Fonte: NYE (2012).

Diante disso, a primeira face do poder ou o comando da mudança, “concentra-se na capacidade de conseguir que os outros ajam de maneira contrária às suas preferências e estratégias iniciais” (NYE, 2012, p.33). Nesse aspecto, percebe-se a coerção influenciando a escolha em uma decisão.

O controle das agendas é outra faceta do poder relacional. Ela se materializa quando ideias e instituições são utilizadas para ajustar as agendas de terceiros, de forma que estejam congruentes aos temas e interesses considerados importantes. Assim, busca-se redefinir as preferências dos outros e “manter as questões fora da mesa de negociação” (NYE, 2012, p.34) para influenciar a tomada de decisão.

O estabelecimento de preferências aborda a terceira face do poder relacional. Posto isso, o autor propõe uma modelagem das preferências iniciais, e não somente a situação, com o intuito que se “faça mudar a sua estratégia para obter suas preferências” (NYE, 2012, p. 35).

O termo *soft power*, ou poder brando, foi apresentado por Nye, em seu livro *Soft power: the means to success in world politics*. “O poder brando é influência” (NYE, 2012, p.44). Para tal, o autor adota o ajuste da agenda quando consentido

pelo alvo, atração positiva e a persuasão. Segundo Nye (2012), o *soft power* permite exercer influência sobre outros, por meios cooptativos, para atingir os resultados propostos.

Segundo Nye (2012), os recursos do poder brando preferencialmente incluem fatores intangíveis, como ideias, valores, cultura, patriotismo e moral, que afetam a capacidade militar para lutar e vencer.

O poder brando está baseado em “três recursos básicos: sua cultura (em locais onde ela é atrativa), seus valores políticos (quando ele os cumpre interna e externamente) e suas políticas externas (quando os outros as veem como legítimas e possuindo autoridade moral)” (NYE, 2012, p.119). Diante disso, entende-se que cultura “é o padrão de comportamento sociais pela qual os grupos transmitem conhecimento e valores, e existe em múltiplos níveis” (NYE, 2012, p.119).

Assim, os termos “poder” e “cultura” estão, cada vez mais, relacionados entre si. Essa visão é compartilhada pelo autor Jorge Santos em seu artigo Terrorismo islâmico: um esforço para superar a modernidade?

Não é difícil constatar que a política mundial vem sendo configurada seguindo linhas culturais ainda que se pretenda econômica. Ao se tratar de cultura, nessa abordagem, cabe trazer à lembrança Joseph Nye quando afirma que existe um forte vínculo entre cultura e poder e que a existência desse vínculo é desconhecida por quase todos. (SANTOS, 2009, p.132).

### A EXPLORAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ETNOGRÁFICA PELAS FORÇAS ARMADAS DOS EUA

O *Human Terrain System (HTS)*, na sigla em inglês, ou Sistema do Terreno Humano, foi a forma como os EUA encontraram para superar a ausência de conhecimento do terreno humano, durante as operações, no Iraque e no Afeganistão, iniciadas em

2001. "O grupo inicial, autodenominado de preparação cultural do ambiente, começou a atuar na Província de Diyala, Iraque, durante o outono de 2005." (MCFATE e FONDACARO *apud* NORGARD, 2015, p.12).

Segundo Perugini (2008, p.216), entre os anos de 2005 e de 2006, o Pentágono, o Departamento de Estado Americano e os políticos americanos decidiram por usar conhecimento cultural como uma nova arma em operações militares de contrainsurgência.

Um membro do Congresso, Geoff Davis, recentemente destacou sua concepção da relação entre o poder brando e o exército em operações de contrainsurgência: Operações interagências eficazes devem ser baseadas no princípio de que a aplicação de ações não-militares, ou poder brando, devem ser efetivamente integradas com poder militar.

Nesse sentido, o *Human Terrain System* foi executado por meio das equipes de terreno humano, ou *Human Terrain Team* [4]. Essas equipes eram destinadas a produzirem conhecimento afeto à inteligência etnográfica em sua área de atuação. Dessa maneira, "Sistema do Terreno Humano foi um programa de ciência social provendo informação não-letal em ambiente cinético" (NORGARD, 2015, p. 14).

Ainda segundo Stephen Norgard, a diferença entre as equipes de terreno humano para o pessoal treinado em inteligência humana (*trained human intelligence*), foi na forma de reunir, de analisar e de apresentar a informação, que tinham roupagem acadêmica, uma vez que os cientistas sociais trabalhavam diferentemente dos militares de inteligência.

Convém ressaltar que esse programa foi alvo de pesquisas que comprovaram sua efetividade, "provendo aos comandantes outra voz no processo decisório" (NORGARD, 2015, p.27). Entretanto, controvérsias no âmbito interno dos EUA, como o questionamento da Associação de Antropologia Americana quanto à quebra do código de ética em pesquisas de antropologia e sociologia em combate, contribuíram para o encerramento do programa, em setembro de 2014.

Paralelamente ao programa *Human Terrain System*, o Departamento de Defesa dos EUA fomentou, a partir de 2003, a capacitação cultural no Exército e no Corpo de Fuzileiros Navais norte-americanos, "designando o *Training and Doctrine Command Culture Center* e o *Marine Corps Center for Advanced Operational Culture Learning* para empreenderem a educação cultural" (CONNABLE, 2009, p.58).

Além disso, as escolas de inteligência do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA buscaram realinhar seus cursos como forma de capacitar seus alunos na análise cultural (CONNABLE, 2009, p.58).

O desenvolvimento da inteligência etnográfica também pode ser desencadeado pelos *foreign area officers* e os oficiais de assuntos civis. Essas especialidades contribuem para "servirem como assessores político e cultural ao estados-maiores em combate" (CONNABLE, 2009, p.60). Ademais, permitem análise da população, das culturas e do desenvolvimento econômico, além de conhecimento linguístico, histórico e cultural sobre regiões particulares.

Além dessas especialidades, o Exército dos EUA possui os militares especialistas em operações psicológicas e os militares operadores de forças especiais, que recebem instrução e treinamento para a conquista do terreno humano.

## **A TOMADA DE DECISÃO NO EB E A INTELIGÊNCIA ETNOGRÁFICA**

O EB incorporou o Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT) no seu escopo doutrinário. Esse processo "constitui o meio, segundo o qual os comandantes em todos os níveis desenvolvem uma das principais atividades da função de combate [5] comando e controle [6]: o exercício da autoridade visando ao cumprimento de uma missão". (BRASIL, 2020, p. 3-1).

O PPCOT orienta o desenvolvimento dos planejamentos conceituais e detalhados para que o comandante possa entender, visualizar e descrever o ambiente operacional. Proporciona também ao comandante, além de uma adequada tomada de decisão, dirigir, liderar e avaliar de forma contínua as operações militares (BRASIL, 2020, p. 3-1).

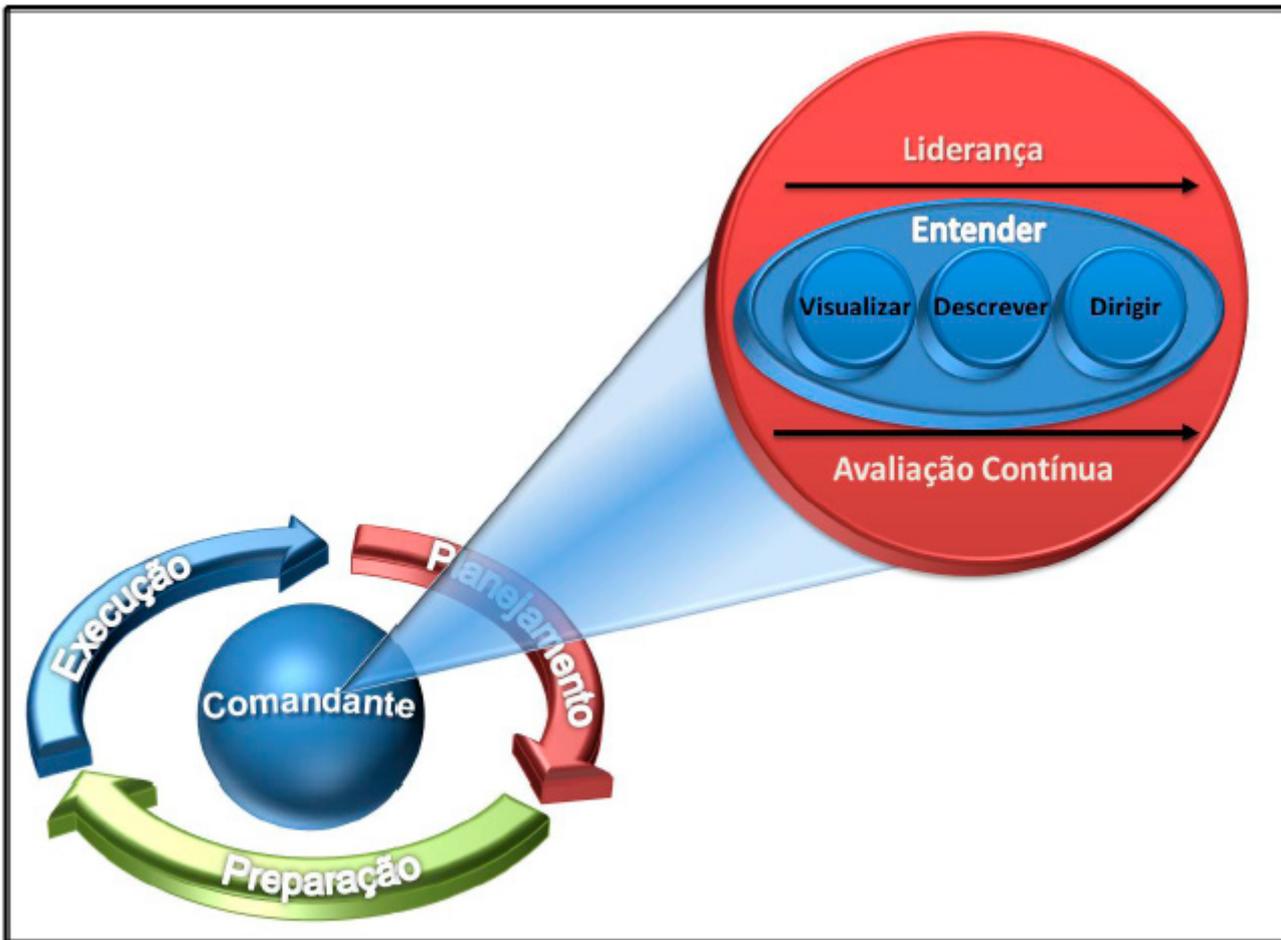


Fig 1 – O PPCOT. Fonte: BRASIL (2020).

Ressalta-se ainda que, nesse processo, a análise do ambiente engloba o conhecimento dos oito fatores operacionais: político, militar, econômico, social, informação, infraestrutura, ambiente físico e tempo, e dos seis fatores de decisão: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis.

Portanto, a necessidade do conhecimento cultural é materializada, pois:

as crenças, valores, normas de conduta social, costumes e tradições de uma sociedade formam um conjunto que exerce influência sobre a forma como os integrantes de uma sociedade entendem e definem parâmetros sobre o que é permitido ou não e como avaliam o que é ou não é relevante". (BRASIL, 2020, p. 3-12)

A dimensão cognitiva da inteligência cultural permite a "compreensão da cultura organizacional de órgãos governamentais e não governamentais nas operações em ambiente interagências" (BRASIL, 2020, p. 3-13). Nesse sentido, a aplicação da inteligência etnográfica mostra-se pertinente e atual no contexto nacional.

Ainda que o emprego das Forças Armadas brasileiras seja prioritariamente voltado para o território nacional, a inteligência etnográfica não perde sua primazia. "A compreensão cultural está relacionada à cultura de diferentes regiões do país (regionalismo), nos empregos da Força Terrestre em território nacional" (BRASIL, 2020, p.3-12).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos armados do século XXI exigem, cada vez mais, o completo entendimento da dimensão humana, seja pela premissa da relevância do terreno humano para o desenvolvimento da persuasão e da influência (*soft power*), como também pela percepção do aumento de operações multinacionais, com o emprego de tropas de várias nacionalidades.

Considera-se pertinente o apoio da metodologia acadêmica para a maior eficiência no desenvolvimento da inteligência etnográfica. Entretanto o embate vivenciado nos EUA entre a Associação Antropológica Americana e o Pentágono, quando do emprego do *Human Terrain System*, desperta a atenção para melhorar a aplicação das ciências sociais no levantamento de informações para fins militares.

A incorporação doutrinária das considerações civis, como fator de decisão no processo decisório da Força Terrestre, denota o entendimento de sua relevância, seja no emprego das Forças Armadas no interior do país ou na atuação além das fronteiras nacionais.

Segundo pesquisa realizada por Rejane Costa, há necessidade de enfoque do corpo teórico do multiculturalismo e da educação multicultural, no sistema de educação militar, uma vez que “as Forças Armadas não consideram, nem interpretam a dinâmica e a dimensão cultural” (COSTA, 2012).

Por fim, o amadurecimento quanto ao treinamento e à educação cultural, com o desenvolvimento das diversas dimensões da inteligência cultural, é uma atividade que exige assessoramento especializado, com o suporte acadêmico e científico das ciências sociais.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Doutrina Militar Terrestre EB20-MF-10.102**. 2. ed. Brasília, 2019.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres, EB20-MC-10.211**. 2. ed. Brasília, 2020.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas MD35-G-01**. 5. ed. Brasília, 2015.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, 2016.
- CHHOEUNG, Varman S; MACHIELA, Chad T. **Beyond Lawrence: Ethnographic Intelligence for USSOCOM**. 2009. Dissertação de Mestrado. Naval Postgraduate School.
- CONNABLE, Ben. **All our eggs in a broken basket: How the human terrain system is undermining sustainable military cultural competence**. Military Review. March-april 2009.
- COSTA, Rejane Pinto. **Multiculturalismo: ultrapassando o simples respeito à diversidade cultural para a compreensão do conceito acadêmico**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ECEME, Coleção Meira Mattos, revista das ciências militares, nº 25, 1º quadrimestre 2012. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2012.
- NORGARD, Stephen. **The Human Terrain System: History, Applicability, and Controversy**. **Henley-Putnam University, 2015**. [Acessado em 01/05/2019]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/317370039\\_The\\_Human\\_Terrain\\_System\\_History\\_Applicability\\_and\\_Controversy](https://www.researchgate.net/publication/317370039_The_Human_Terrain_System_History_Applicability_and_Controversy).
- NYE, Joseph S. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.
- PERUGINI, Nicola. **Anthropologists at War: Ethnographic Intelligence and**

**Counter-Insurgency in Iraq and Afghanistan. International Political Anthropology.** vol. 1, n. 2, 2008.

RENZI, F. **Redes: A Terra Incógnita e a Inteligência Etnográfica.** Military Review. Janeiro-Fevereiro 2007.

SANTOS, Jorge Calvário. **Terrorismo islâmico: um esforço para superar a modernidade?** In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; ZHEBIT, Alexander (orgs.) Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009. p. 119-138.

SOUSA, Cátia et al. **Evidências métricas da adaptação da escala de inteligência cultural numa amostra portuguesa.** *Psicologia Reflexão e Crítica.* Jun 2015, vol.28, n. 2, p.232-241. ISSN 01027972.

VISACRO, Alessandro. **Inteligência cultural - assunto impositivo na formação do militar moderno e fundamental no estudo de situação: uma abordagem da temática indígena na Amazônia.** Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ECEME, Coleção Meira Mattos, revista das ciências militares, nº 25, 1º quadrimestre 2012, BIBLIEX, Rio de Janeiro, 2012.

## NOTAS

[1] A capacidade que tem a Nação para alcançar e manter os Objetivos Nacionais, em conformidade com a vontade nacional, manifestando-se nas expressões Política, Econômica, Psicossocial, Militar e Científico-tecnológica (BRASIL, 2016, p.18).

[2] Parte do teatro de guerra necessária à condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o conseqüente apoio logístico.

[3] Órgão composto de pessoal militar qualificado, que tem por finalidade assessorar o comandante no exercício do comando.

[4] Uma equipe de terreno humano completa compreendia nove pessoas, consistindo no líder da equipe, dois cientistas sociais, dois pesquisadores e quatro analistas do terreno humano.

[5] São conjuntos de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados, realizados por unidades das diferentes armas, quadros e serviço do Exército Brasileiro.

[6] Conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados que permitem aos comandantes o exercício da autoridade e a direção das ações. A função mescla a arte do comando com a ciência do controle. Todas as demais funções de combate são integradas por meio de atividades da função de combate Comando e Controle.

## SOBRE O AUTOR

O Major de Infantaria André Cesar Guttoski Lemos é Adjunto do Centro de Coordenação de Operações do Comando de Operações Especiais (COpEsp). Foi declarado aspirante a oficial, em 2003, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). É mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Realizou os cursos de Ações de Comandos, Forças Especiais, Operações na Selva e o *Maneuver Captain's Career Course*, no Exército dos EUA. Foi instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e do Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOpEsp). Integrou o Destacamento Operacional de Paz (DOPaz), no Haiti, em 2010 (guttoskilemos.andre@eb.mil.br).